

# Desempenho esportivo no judô olímpico brasileiro: o talento é precoce?

## Performance in the olympic brazilian judo: is talent too young?

MASSA M, UEZU R, BÖHME MTS, SILVA LRR, KNIJNIK JD. Desempenho esportivo no judô olímpico brasileiro: o talento é precoce? *R. bras. Ci. e Mov* 2010;18(1):5-10.

**RESUMO:** O judô brasileiro é uma modalidade que possui tradição olímpica. Entretanto, sobre o processo de formação de judocas brasileiros, não se conhece o momento em que o talento se manifesta na modalidade. Tal problemática não é exclusiva do judô e se estende ao contexto popular, no qual ainda é comum a crença de que o talento pode ser observado precocemente numa criança. O objetivo do presente estudo foi analisar a manifestação do talento em judocas olímpicos brasileiros. Para tanto, se utilizou uma amostra de seis judocas, pertencentes a seleção brasileira olímpica nos Jogos Olímpicos de Atenas, 2004. A pesquisa foi constituída através de um delineamento qualitativo, que utilizou como instrumento uma entrevista composta por uma pergunta aberta, elaborada para explorar o contexto de iniciação esportiva no judô. Para a análise dos resultados foi utilizado o “Discurso do Sujeito Coletivo”. Os discursos indicaram que a maioria dos judocas olímpicos brasileiros analisados (83,3%) não foram talentos precoces, fortalecendo a idéia de que não há, em regra, uma relação de estabilidade entre o desempenho inicial e o desempenho futuro. Em outras palavras, selecionar precocemente com base no desempenho inicial é um risco para o processo de promoção de talentos.

**Palavras-chave:** Judô; Talento precoce; Desempenho esportivo.

**ABSTRACT:** Brazilian Judo is a Sport that has Olympic tradition. Nevertheless, the talent blooming timing is not known. This is not a Judo problem only, since it's a popular costume to look for talent even in very young athletes. The aim of this study was to analyze talent blooming in Olympic Judo Brazilian athletes. Six athletes from the Olympic team that went to Athens, 2004 were studied. Research was qualitative and the instrument used was a open question interview that was designed to investigate the initiation process in Judo. Results were analyzed using the “Collective subject speech”. Speeches analyzed showed that most of the athletes analyzed (83.3%) weren't young talents, reinforcing the idea that there is no warranty of a good performance in the future, because the athlete performs well when he's young. In other words, selecting athletes precociously is a risk to the talent development process.

**Key Words:** Judô; Sports talent; Sport training.

Marcelo Massa<sup>1</sup>  
Rudney Uezu<sup>2,3</sup>  
Maria T. S. Böhme<sup>2</sup>  
Luiz R. R. Silva<sup>2</sup>  
Jorge D. Knijnik<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH/USP - GEPCHAM

<sup>2</sup>Escola de Educação Física e Esporte - EEFEE/USP

<sup>3</sup>Universidade Presbiteriana Mackenzie - CEF/CCBS/UPM

<sup>4</sup>School of Education at University of Western Sydney - NSW

Recebido em: 30/10/2009

Aceito em: 28/05/2010

Contato: Marcelo Massa - [mmassa@usp.br](mailto:mmassa@usp.br)

## Introdução

A respeito da manifestação do talento, é comum deparar com a idéia popular de que é possível verificar precocemente o talento de uma criança. Particularmente na mídia esportiva e de produtos, não é raro verificar matérias que apresentam crianças com desempenhos julgados geniais e suficientemente passíveis de determinar que aquele retrato do momento irá perdurar durante todo processo de crescimento, desenvolvimento, maturação e treinamento, induzindo o pensamento coletivo à crença de que o surgimento do talento deve ser precoce e estável, e, portanto, excluindo a idéia de que uma criança inicialmente julgada como “normal” possa, após anos de treinamento, se tornar talentosa.

Neste sentido, especificamente na área do treinamento esportivo, tal perspectiva parece evidente na medida em que na prática, técnicos esportivos e “olheiros” se dividem desde cedo na função de observar o desempenho de crianças e, com base nessa observação, determinar escolhas que encaminharão algumas crianças para o processo de iniciação numa modalidade esportiva em detrimento de muitas outras, que por não apresentarem (subjetivamente) os traços mínimos necessários para aquele momento, serão determinadas como “fracas” ou não aptas para o processo de treinamento a longo prazo (TLP) e, conseqüentemente, poderão ser prematuramente desencorajadas e/ou amputadas da possibilidade de se desenvolver num dado contexto.

Seguindo esta perspectiva, a precocidade parece não ser um sinal confiável para a predição do talento<sup>14,2,11,12</sup>. De acordo com Guenther<sup>14</sup>, estudos indicam que menos de um terço das pessoas que são consideradas talentosas em algum domínio do conhecimento foram crianças precoces. Por exemplo:

- a) Einstein: falou apenas com quatro anos e aprendeu a ler aos sete anos;
- b) Newton: apresentou desenvolvimento atrasado durante a escola primária;
- c) Churchill: foi reprovado na sexta série;
- d) Tolstoy: não terminou a graduação universitária;

e) Pasteur: foi considerado um aluno medíocre em química durante o período em que frequentou o Royal College.

Ainda sobre o processo de desenvolvimento de talentos em diferentes domínios do conhecimento, Bloom<sup>2</sup> investigou que de um total de 120 sujeitos talentosos, poucos foram considerados crianças talentosas por seus professores, treinadores e familiares; e mesmo aqueles considerados talentosos em idades iniciais, posteriormente não foram capazes de demonstrar desempenho comparável a pessoas talentosas maduras numa determinada área de conhecimento.

Isto contribui para o pensamento de que ser considerado um talento precoce não é garantia de sucesso, altos desempenhos e talento futuro. Portanto, com cautela e tendo como pano de fundo o desenvolvimento de longo prazo, a demonstração do talento precoce pode ser interpretada apenas e tão somente como um estágio inicial do desenvolvimento. Associada a essa interpretação de precocidade, o sujeito carecerá de aderência, apoio e um processo de TLP devidamente planejado e avaliado, do contrário esse sujeito ficará cada vez mais distanciado dos demais sujeitos talentosos que continuaram se aperfeiçoando no domínio específico do conhecimento.

O sucesso de uma pessoa talentosa depende do seu comprometimento, motivação e paixão pela sua área de atuação e, ao mesmo tempo, do apoio de diversos segmentos da sociedade como, a própria família, bons mentores e professores e também bons treinadores no caso do esporte<sup>19</sup>.

Assim, o objetivo do presente estudo foi analisar a manifestação do talento em judocas olímpicos brasileiros.

## Materiais e métodos

A presente pesquisa possuiu um delineamento qualitativo, no qual se buscou analisar a manifestação do talento em judocas olímpicos brasileiros.

Para tanto, a amostra foi composta intencionalmente tomando-se como critério o desempenho dos atletas. Foi utilizada uma amostra de seis atletas brasileiros (S1, S2, S3, S4, S5, S6) convocados para compor a seleção olímpica masculina de judô nos

Jogos Olímpicos de Atenas, 2004. Conforme a aprovação do projeto junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da EEFPE-USP, os judocas tomaram contato com os documentos relacionados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo concordado participar da pesquisa.

Foi utilizado como instrumento de pesquisa o método do “Discurso do Sujeito Coletivo” (DSC), Lefèvre e Lefèvre<sup>17</sup>. O DSC permitiu uma abordagem qualitativa acerca do processo de iniciação de judocas olímpicos brasileiros. Conforme os autores, o pensamento é algo essencialmente discursivo e só pode ser obtido numa escala coletiva a partir de perguntas abertas elaboradas para um conjunto de indivíduos de alguma forma representativos dessa coletividade e deixar que esses indivíduos se expressem mais ou menos livremente, ou seja, que produzam discursos. Neste sentido, a questão fechada seria insuficiente diante dessa perspectiva, pois não ensinaria a expressão de um pensamento, mas a expressão de uma adesão (forçada) a um pensamento preexistente.

Destá maneira, de acordo com discursos individuais obtidos através da técnica de entrevista empregada, foi possível construir metodologicamente a expressão do pensamento coletivo (DSC).

Assim, foi utilizada uma entrevista composta por uma pergunta:

- 1) No começo da sua formação você acha que se destacava dos demais praticantes de judô?

Os depoimentos foram gravados em fita magnética e, posteriormente, transcritos de modo a recuperar a integridade dos mesmos, servindo de matéria prima para a construção do DCS.

## Resultados

No processo inicial de seleção do talento esportivo, não se deve apenas observar as exigências específicas das modalidades esportivas, mas sim procurar obter informações sobre a amplitude da aptidão geral. Isto se aplica ao fato de ser muito difícil, nas fases iniciais, selecionar o tipo ideal de criança que consiga acumular em suas características índices ótimos de qualidades

morfológicas, funcionais e psíquicas desejáveis para obter o maior desempenho esportivo em uma modalidade específica. A literatura sugere que apenas na puberdade é que se torna possível observar com maior estabilidade os fatores preditores de aptidão para o alto desempenho<sup>16,22</sup>.

Destá maneira, em relação ao presente estudo, diante da possibilidade de observar a manifestação do talento em judocas olímpicos brasileiros, é que foi elaborada a pergunta - No começo da sua formação você acha que se destacava dos demais praticantes de judô? - . Neste sentido, em relação a referida pergunta, seguem apresentadas na Tabela 1 as ICs (idéias centrais) captadas, a frequência das respostas e o percentual referente a cada IC para a pergunta.

**Tabela 1.** Caracterização das idéias centrais (IC), frequência e percentual de respostas para a pergunta: No começo da sua formação você acha que se destacava dos demais praticantes de judô?

IC	Frequência	%
A Sim, me destacava	1	16,6
B Não me destacava	5	83,3
C Gostava de competir	1	16,6
D Destaque com o tempo	5	83,3

Assim, as quatro ICs captadas (IC-A, IC-B, IC-C e IC-D) e apresentadas na tabela 1, emergiram do DSC construído a partir do discurso individual dos judocas, configurando o DSC1, DSC2, DSC3 e DSC4 apresentados abaixo:

### DSC1: IC-A – Sim, me destacava (S1).

Obs.: o discurso abaixo se refere exclusivamente ao sujeito S1, pois apenas ele apresentou a IC *sim, me destacava*, não caracterizando, portanto, um discurso coletivo.

*“Sim, foi desde o começo. Nas competições internas da minha cidade já consegui me destacar e o meu professor até comentou com o meu pai: olha, investe nesse garoto que esse garoto tem potencial, é garoto diferenciado”.*

### DSC2: IC-B – Não me destacava (S2, S3, S4, S5, S6).

*“Não, não, não. Eu não tinha nenhum diferencial. Eu sempre fui um atleta que não me destacava. Tinha*

*muita dificuldade em termos de coordenação para os golpes. Eu tinha um pouco de medo, um pouco de receio de cair, esse tipo de coisa. No início eu era um atleta comum, mediano, normal, nada assim expoente da turma”.*

### **DSC3: IC-C – Gostava de competir (S5).**

Obs.: o discurso abaixo se refere exclusivamente ao sujeito S5, pois apenas ele apresentou a IC *gostava de competir*, não caracterizando, portanto, um discurso coletivo.

*“Eu já gostava de competir, não importando se eu perdesse ou ganhasse, o importante para mim era estar participando da competição”.*

### **DSC4: IC-D – Destaque com o tempo (S1, S2, S3, S4, S5).**

*“Não, eu acho que as coisas foram acontecendo devagar. Quando criança eu nunca fui um destaque. Eu me considerava um atleta normal, sem muito a oferecer. Minhas performances em competições foram aumentando de acordo com o meu treinamento. Foi uma escala, quanto mais eu comecei a treinar mais eu comecei a evoluir nas competições. Tem quem pense que existem atletas que já são campeões desde o início, mas no meu caso e de muitos outros começamos perdendo, tanto que na minha primeira competição eu perdi. Enfim, fui crescendo conforme eu fui treinando, melhorando e aperfeiçoando a minha condição técnica. O legal disso é que tudo foi crescente, não foi uma coisa isolada, então eu acredito que a vida do atleta é assim, ele vai aos poucos, galgando, e quando chega lá em cima vem a parte difícil que é tentar manter esse nível alto”.*

Assim, de acordo com os resultados dos DSCs apresentados, pode-se verificar conforme a Tabela 1, que a maioria dos judocas olímpicos brasileiros não se destacava (83,3%) na fase de iniciação no judô. Conforme o DSC4, para 83,3% dos judocas o destaque em competições surgiu apenas com o passar do tempo. Um judoca (16,6%) acrescentou que um fator importante na iniciação, antes mesmo de obter destaque através de resultados expressivos, era o gosto pela competição. Por outro lado, apenas um judoca (16,6%) confirmou a hipótese do talento se manifestar desde as idades precoces.

Conforme o DSC2 (não me destacava) é bastante enfática nos discursos dos judocas olímpicos brasileiros a ideia de que durante a iniciação não apresentavam nenhum diferencial ou destaque em relação a seus pares. Inclusive, pode-se notar que além de não possuir destaque na modalidade, o comentário sobre o desempenho na

iniciação é caracterizado por elementos pejorativos como dificuldade de coordenação e até medo de cair. Por sua vez, o DSC3 (gostava de competir) revela o pensamento do prazer pela competição, confirmando a ideia de que antes de ganhar o importante e o prazeroso era competir.

O DSC4 (destaque com o tempo), corroborando com o DSC2, acrescenta a ideia de que o resultado em competições foi crescendo de acordo com a evolução do processo de TLP. Ou seja, quanto maior a dedicação aos treinamentos, maior a evolução nas competições.

### **Discussão**

A manifestação do talento em judocas olímpicos brasileiros se aproxima dos pressupostos da literatura na medida em que (a) a precocidade parece não ser um sinal confiável para a predição do talento e (b) que o talento pode ser desenvolvido ao longo de um processo mais duradouro no qual o prazer pela prática é fundamental<sup>14,10,11,12,13,14</sup>.

Conforme Guenther<sup>14</sup> menos de um terço das pessoas que são consideradas talentosas em algum domínio do conhecimento foram crianças precoces. Na presente amostra, de acordo com o DSC1 (sim, me destacava), apenas um judoca (16,6%) apresentou indicação de destaque precoce.

Em um estudo retrospectivo<sup>10</sup> foi verificado que quanto menor é a categoria competitiva considerada, menor é o número de atletas que confirma, na categoria adulta, o êxito obtido nas categorias de formação.

Portanto, pode ser simples estimar quem atualmente é bom executante, mas saber quem após crescimento, maturação e treinamento adicional adequado irá tornar-se o mais eficiente é algo consideravelmente mais difícil de prever<sup>21</sup>.

Desta maneira, hipoteticamente, diante de uma avaliação precipitada, infundada, subjetiva e elitista a respeito do desempenho dos referidos judocas no processo de iniciação, poder-se-ia desmotivar e até rejeitar a possibilidade dos mesmos se tornarem, a longo prazo, sujeitos talentosos e quiçá representantes da maior expressão do judô brasileiro numa geração. Sendo assim as previsões de aptidão podem ser aceitas como válidas,

em geral, por apenas dois a quatro anos e, portanto, devem ser observadas como parte de um processo evolutivo e conter constantes revisões<sup>15</sup>. Neste sentido, na observação do desenvolvimento do talento é necessário um processo cíclico e contínuo de avaliações, que se deve principalmente à variabilidade morfológica, funcional e psíquica do período que permeia a infância e a adolescência, não permitindo que se façam previsões mais consistentes e duradouras neste período do crescimento e desenvolvimento humano, reforçando a necessidade de acompanhamentos longitudinais<sup>20,22</sup>.

Ainda diante deste contexto, de acordo com o processo de TLP e especificamente em relação ao período de detecção do talento esportivo, a estratégia mais adequada seria incluir um número suficientemente grande de crianças que se mostrassem dispostas a participar de um programa de formação esportiva geral básica - considerado como primeira etapa do TLP<sup>1,2,3,4,5,6,7,8,9,15,18,23</sup>. Desta maneira, quanto aos anos iniciais da aprendizagem, independentemente do grau de desempenho específico demonstrado, parece ser fundamental evitar excluir precocemente crianças que se mostrem dispostas a participar de programas esportivos. Afinal, o prazer pela prática parece ser o ponto pé inicial para o desenvolvimento do talento em qualquer área<sup>2,11</sup>. Conforme pôde ser verificado, não há evidências científicas, históricas e práticas de que o talento surge única e exclusivamente de forma precoce no esporte ou em qualquer outro domínio do conhecimento<sup>2,11,14</sup>.

No presente estudo, a grande maioria dos judocas (83,3%) não apresentou a manifestação do talento precoce, e, anos depois, como não foram excluídos, puderam chegar ao mais alto desempenho na modalidade.

### Conclusões

Assim como a literatura tem revelado, a maioria dos judocas olímpicos brasileiros analisados (83,3%) não foram talentos precoces. Portanto, não houve relação entre o desempenho inicial e o desempenho futuro adquirido, demonstrando a importância do processo de desenvolvimento do talento como um fenômeno de longo prazo, composto por avaliações cíclicas e contínuas.

Desta maneira, antes do emprego de qualquer estratégia que possa vir a excluir equivocadamente cidadãos e futuros talentos, fica evidente a necessidade de durante os anos iniciais da aprendizagem oferecer oportunidades diversificadas e democráticas de prática prazerosa para que crianças, indiscriminadamente, possam aderir a um programa de iniciação esportiva geral básica, descobrindo e desenvolvendo suas vocações, aptidões, prazeres e, conseqüentemente, despertando seus talentos.

### Referências

1. Barbanti VJ. **Teoria e prática do treinamento esportivo**. São Paulo: Edgard Blucher, 1997.
2. Bloom BS. **Developing talent in young people**. New York: Ballentine, 1985.
3. Böhme MTS. Talento esportivo I: aspectos teóricos. **Revista Paulista de Educação Física** 1994; 8(2):90-100.
4. Böhme MTS. Talento esportivo II: determinação de talentos esportivos. **Revista Paulista de Educação Física** 1995;9(2):138-146.
5. Böhme MTS. O treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** 2000;21(2/3):4-10.
6. Böhme MTS. O talento esportivo e o processo de treinamento a longo prazo. In: De Rose Junior D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 109-122.
7. Böhme MTS. Talento esportivo. In: Gaya A, Marques A, Tani G. (Orgs.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: UFRGS, 2004:235-249.
8. Bompa TO. **Periodization: theory and methodology of training**. Champaign: Human Kinetics, 1999.
9. Bompa TO. **Total training for young champions: proven conditioning programs for athletes ages 6 to 18**. Champaign: Human Kinetics, 2000.
10. Brito N, Fonseca AM, Rolim M. Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores no escalão sênior? Análise centrada nos rankings femininos das diferentes disciplinas do atletismo ao longo das últimas duas décadas em Portugal. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto** 2004;4(1):7-28.
11. Csikszentmihalyi K, Rathunde K, Whalen S. **Talented teenagers: the roots of success and failure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
12. Ericsson KA, Krampe RT, Tesch-Römer C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review** 1993;3:363-406.

13. Gibbons T, Hill R, Mcconnell A, Forster T, Moore J. The path to excellence: a comprehensive view of development of U. S. **Olympians who competed from 1984 – 1998**. (Initial Report: results of the talent identification and development questionnaire to U. S. Olympians athlete development and coaching and sport sciences divisions, 2002). Disponível em: <<http://www.usolympicteam.com/codp>>. Acesso em: 15 Dez., 2005.
14. Guenther ZC. **Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
15. Hebbelinck M. Identificação e desenvolvimento de talentos no esporte: relatos cineantropométricos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento** 1989;4(1):46-62.
16. Hohmann A, Seidel I. Scientific aspects of talent development. **International Journal of Physical Education** 2003;40:9-20.
17. Lefèvre F, Lefèvre AMC. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
18. Marques A. Da importância das fases iniciais de escolaridade na detecção e seleção de talentos desportivos em Portugal. In: Bento J, Marques A (Org.). **As ciências do desporto e a prática desportiva: desporto de rendimento, desporto de recreação e tempos livres**. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, Universidade do Porto, 1991; 15-21.
19. Moraes LC, Durand-Bush N, Salmela JH. Modelos de desenvolvimento de talentos. In: Samulski DM (Ed.). **Novos conceitos em treinamento esportivo**. Belo Horizonte: Publicações INDESP, 1999, p. 173-190.
20. Régnier G, Salmela J, Russel SJ. Talent detection and development in sport. In: Singer RN, Murphey M, Tennau KL. (Eds.). **Handbook of research in sport psychology**. New York: MacMillan, 1993, p. 290-313.
21. Schmidt RA. **Aprendizagem e performance motora: dos princípios à prática**. São Paulo: Movimento, 1993.
22. Senf G. Eignungsdiagnostik-und Normprogramme für die prozeßbegleitende Auswahl im Verlauf des Grundlagen-trainings. **Grundlagen sportartspezifischer Auswahl** 1990;39(1):21-26.
23. Weineck J. **Treinamento ideal**. São Paulo: Manole, 1999.